

# Estados enxugam para crescer

Minas, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná radicalizam corte de gastos e fazem parcerias para investir

As contas fecharam menos pessimistas que seus prognósticos. Num ano marcado pela queixa generalizada de altas taxas de juros, restrição ao crédito, aumento da inadimplência e redução geral do nível da atividade econômica, algumas economias estaduais conseguiram tirar do ajuste do setor público algum crescimento e até investimentos. É na radicalização dessa tendência de enxugar para crescer que governos estaduais e empresários apostam bons resultados para 1996.

Em Minas Gerais, por exemplo, a se confirmarem as estimativas do governo mineiro, a economia do estado terá crescido em 1995, pelo terceiro ano consecutivo, acima da média nacional. "O crescimento do PIB mineiro em 1995 deve ficar entre 4,8% e 5%, diante da taxa em torno de 4% do PIB nacional", informa o consultor especial do governador Azeredo, o ex-ministro Paulo Haddad.

Para este ano, a previsão é de uma taxa de crescimento em Minas igual ou superior à de 1995 e mais uma vez acima da média nacional. "A estratégia da administração Azeredo para 1996 é aprofundar o ajuste do setor público, por um lado e, por outro, promover uma agressiva política de atração de investimentos", resume Haddad.

Para equilibrar o orçamento, o governo planeja uma redução de despesas da ordem de R\$ 50 milhões por mês, esperando chegar ao final do ano com apenas 60% da receita comprometida com despesas de pessoal — diante dos atuais 73%. Os cálculos indicam um aumento real de 10% na arrecadação em relação a 1995, o que significa uma receita anual na faixa de R\$ 5 bilhões.

Também contamos com a concretização da privatização do Credireal, em março, e com a venda até o final deste semestre dos primeiros lotes de imóveis pertencentes ao estado e que não são aproveitados", diz Haddad, referindo-se a dois dos principais itens do amplo plano de desoneração do governo mineiro.

## Na Bahia, quadro de equilíbrio

A Bahia atravessa uma situação privilegiada em relação à maioria dos estados brasileiros quanto às finanças públicas. O estado fecha as contas de 1995 em equilíbrio, podendo comemorar investimentos com recursos próprios da ordem de R\$ 370 milhões.

A organização financeira nos permitiu manter todos os programas de governo e concluir obras em andamento, evitando assim o condenável desperdício decorrente da pa-

ralização de projetos", comenta o governador Paulo Souto.

Um quadro-resumo dos dispêndios do Tesouro baiano em 1995 mostra que os investimentos com recursos próprios corresponderam a 15% da receita líquida corrente. Com pessoal, as despesas totais chegaram a R\$ 1,5 bilhão, comprometendo 60% da receita. O ano foi encerrado com um aumento nominal de 37,4% na receita líquida corrente, diante de uma inflação que vem sendo projetada em 20% para o período.

A ordem nas finanças do estado também se confirmou no pagamento do 13º salário. Enquanto a maior parte dos estados pagou com atraso ou ainda se debate em dificuldades para levantar os recursos, a Bahia quitou a 1ª parcela do 13º junto com salário de novembro e a segunda no mesmo momento em que pagou os vencimentos de dezembro, dentro de uma escala concluída no último dia 20.

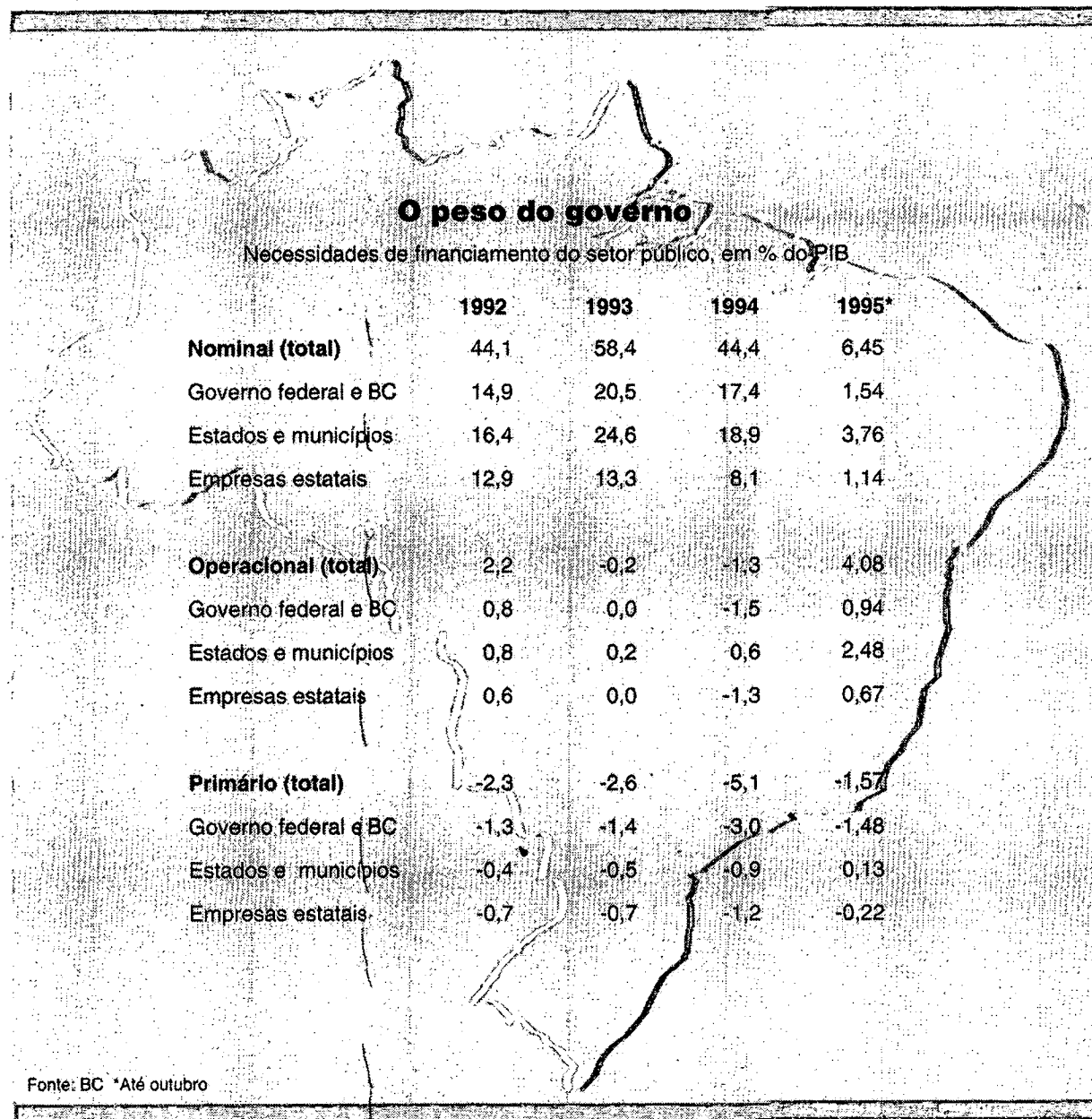
## Gaúchos investem em modernização

Depois da euforia e do choque que se alternaram nos dezoito primeiros meses do Plano Real, a economia gaúcha deve iniciar 1996 em clima de maior confiança com a retomada de projetos de investimentos em diversos setores da iniciativa privada. Uma prova disso está na pesquisa realizada em dezembro pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) junto a 130 empresas que empregam 77 mil pessoas, apontando para uma intenção de investimentos fixos na ordem de 14% sobre o faturamento, diante de uma média histórica que não passa de 8%.

De acordo com o levantamento da entidade, a taxa de crescimento da economia gaúcha deverá alcançar 4,08%, alicerçada principalmente na expansão das vendas para o mercado interno. Em 1995, segundo a Fiergs, o Produto Interno Bruto (PIB) do estado aumentou 3,51% em relação ao ano anterior, alcançando US\$ 42,8 bilhões.

A tendência entre os empresários, para 1996, é iniciar ou tirar da gaveta projetos de expansão, modernização e novos produtos com o objetivo estratégico de preparar a base para a efetiva arrancada da economia a partir de 1997.

Algumas empresas, porém, resolveram sair na frente já em 1995. É o caso, por exemplo, da SLC, de Horizontina, que aplicou US\$ 70 milhões para entrar no concorrido mercado de tratores, em parceria com a norte-americana John-Deere. Em 1996, a Souza Cruz S.A., de Santa Cruz do Sul, vai aplicar US\$ 54 milhões em recursos próprios na construção, den-



tro do seu complexo industrial, do mais moderno centro de processamento de fumo da América Latina. A Copesul — Companhia Petroquímica do Sul (central de matérias-primas do Pólo Petroquímico de Triunfo) vai investir, em 1996, US\$ 48 milhões no Plano de Atualização Tecnológica.

## Receita paranaense deve crescer 15%

O setor público também espera, para este ano, um quadro mais favorável do que o verificado em 1995. O secretário da Fazenda, Cezar Busatto, conta com um incremento de 10% na arrecadação de ICMS, chegando a dezembro próximo com um acumulado de R\$ 3,66 bilhões. O governo pretende ainda manter o trabalho de redução de gastos com pessoal — que em 1995 chegaram a 80% da receita própria líquida — através de projetos voltados para o corte de funcionários.

As receitas próprias do governo do Paraná deverão registrar um significativo crescimento em 1996. Segundo projeções da coordenadoria das receitas do estado, haverá um incremento da ordem de 15%, comparativamente a 1995. Ou seja, a arrecadação irá passar de R\$ 170 milhões para algo em torno de R\$ 195 milhões mensais, ou cerca de R\$ 2,24 bilhões ao final do ano.

“É uma previsão cautelosa, dados os esforços arrecadadores do estado e dos próprios indicadores econômicos para o futuro”, comentou Reny Pires, diretor da coordenadoria das receitas do Paraná, vinculado à Secretaria da Fazenda. “Os melhores resultados deverão ser sentidos no segundo semestre”, comentou. Pires disse que a safra agrícola paranaense de 1996, para a qual está previsto um ganho de produtividade de 10%, deverá promover “uma sensível reação da eco-

nomia do estado”. Pires lembrou que, apesar das dificuldades de 1995, as receitas tributárias cresceram 8%, comparativamente a 1994.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiepp), José Carlos Gomes de Carvalho, considera as perspectivas “promissoras” para a produção. Segundo ele, setores de baixo desempenho em 1995 (têxtil, vestuário e calçados) tendem a se recuperar, enquanto na área de alimentos a tendência é de crescimento menor. “Tudo indica que, especialmente a partir da segunda metade do ano, haja uma significativa recuperação da economia. No Paraná, trabalha-se com um percentual entre 5 e 6% de crescimento”, comentou. ■

Colaboraram Teodomiro Braga (Belo Horizonte), Sérgio Bueno (Porto Alegre), Gorette Brândão (Salvador) e Ubirajara Alves (Curitiba)